

[Tema 02] CONOTAÇÃO E DENOTAÇÃO

UM OLHAR PROVOCADOR SOBRE A LINGUAGEM

Provavelmente todos nós já tivemos alguns contatos com a obra de Monteiro Lobato. Emília, a boneca irreverente da obra de Monteiro Lobato, é uma boneca muito mais ligada à cultura brasileira do que a Barbie. E muito mais inteligente. Neste texto, ela brinca com o significado das palavras. Vamos pensar um pouco sobre essas brincadeiras? Em primeiro lugar, ela nos faz pensar sobre as palavras que nomeiam as coisas. Com isso ela nos faz recordar um assunto que já vínhamos tratando nas aulas anteriores: a relação entre as palavras e as coisas que elas representam, ou seja, **as palavras são signos linguísticos**.

“ – (...) Há por aqui uns animais que são malvadíssimos, umas verdadeiras pestes, como a tal cobra que tem veneno nos dentes e o tal tigre que é estúpido e cruelíssimo. Todos os homens têm tamanho ódio às cobras e aos tigres que não podem ver um só sem o destruir imediatamente. Mas se num verso um poeta compara uma mulher a uma cobra, dizendo, por exemplo, que ela tem movimentos de serpente (serpente é o mesmo que cobra), a “elogiada” rebola-se de gosto. E se um homem compara outro a um tigre, este outro sorri. Existiu na França um célebre Clemenceau que foi apelidado o Tigre. Pensa que ele puxou faca? Nada disso. Babava-se todo, quando o tratavam de tigre. Mas fosse alguém tratá-lo de cão ou vaca!... Ah, vinha tiro na certa...”

O anjinho ouvia, ouvia e ficava a cismar. Realmente, era-lhe impossível entender as coisas da terra.

– Todo o mal vem da língua, afirmava a boneca. E para piorar a situação existem mil línguas diferentes, cada povo achando que a sua é a certa, a boa, a bonita. De modo que a mesma coisa se chama aqui dum jeito, lá na Inglaterra de outro, lá na Alemanha de outro, lá na França de outro. Uma trapalhada infernal, anjinho.

Quem ficava atrapalhado era o anjinho. Emília tinha um modo desnorante de pensar. Assim, por exemplo, as suas célebres “asneirinhas”. Muitas vezes não eram asneiras – eram modos diferentes de encarar as coisas, como quando explicou ao anjinho o caso das frutas do pomar.

– Frutas são bolas que as árvores penduram nos ramos, para regalo dos passarinhos e das gentes. Dentro há caldos ou massas de todos os gostos. As maçãs usam massas. As laranjas usam caldo. E as pimentas usam um ardor que queima a língua da gente.

– Então têm fogo dentro? Fogo é que queima.

Emília ria-se.

– Ah, anjinho! Você vai custar a compreender os segredos da língua humana. Este “queima” é outro caso. Queimar é uma arte que só o fogo faz, mas quando uma coisa arde na língua nós dizemos que queima.

– Mas queima mesmo?

– Não queima, mas nós dizemos assim. Um ácido que pingamos na pele nós também dizemos que queima. Uma loja que está em liquidação nós dizemos que está “queimando” as suas mercadorias. No brinquedo do esconde-esconde, quando o que está de olhos vendados chega perto do escondido, nós dizemos que está “queimando”.

– Então... então... então, dizia o anjinho, a trapalhada deve ser medonha.

Emília ria-se, ria-se.

– Eu já estive no País da Gramática, onde todos os habitantes são palavras. E um dia hei de contar por miúdo como a Gramática lida com elas e consegue dar ordem ao pensamento.

– Dar ordem não é mandar uma pessoa fazer uma coisa?

– É e não é. Às vezes é, outras vezes não é. Dar ordem pode ser mandar fazer uma coisa e também pode ser botar cada coisa no seu lugar.

– E como a gente sabe quando é dum jeito ou de outro?

– Pelo sentido.

– E o que é sentido?

Emília desanimou. Nada ha mais difícil do que ensinar anjinhos.

– Escute cá, Flor. Quem entende bem disto de línguas e gramáticas é o Quindim. Tome umas aulas com ele.

– Que é aula?

Emília saiu correndo, senão ficava louca...

(LOBATO, Monteiro (1945). Memórias da Emília. São Paulo: Companhia Editora Nacional, p. 27 e 28)

MONTEIRO LOBATO (1882 – 1948) nasceu em Taubaté/SP. É considerado o criador da Literatura Infantil/Juvenil brasileira. Dedicou-se a inúmeras atividades : foi Promotor Público, fazendeiro, jornalista. Já era colaborador assíduo do jornal O Estado de S. Paulo , quando publica seu primeiro livro: *Urupês*. Funda a editora Monteiro Lobato & Cia. que imprime grandes novidades no mercado editorial e em 1920 Lobato se volta para a área menos atendida em nossa literatura, a infanto-juvenil. Publica *A Menina do Nariz Arrebitado*. Sua obra infantil contraria a seriedade adulta e introduz o humor , substitui a visão do adulto moralista pela ótica irreverente da criança. Cria novas palavras para provocar o riso, e muitas vezes imita o falar inventivo das crianças.

Em vários trechos do texto de Monteiro Lobato a personagem Emília utilizou “palavras para explicar palavras”. Esta função da linguagem nós a chamamos de **metalinguagem**. Falamos de metalinguagem quando o locutor se utiliza da linguagem para destacar o código. É o caso dos dicionários que se utilizam de palavras para explicar o significado das próprias palavras. Os signos linguísticos representam realidades, mas não são a própria realidade. **Temos uma relação com a realidade ao nosso redor e outra com os signos verbais que a representam.** Para desenvolvermos um olhar criativo que nos permita escrever bem, temos de tomar cuidado com essas duas relações, ou seja, temos de cultivar um olhar diferenciado em relação à realidade ao nosso redor e um outro olhar, também diferenciado, em relação à língua que representa essa realidade.

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Agora, observemos um outro fenômeno da linguagem. O emprego das palavras no seu **sentido literal**, isto é, nomeando as coisas, referindo-se à realidade em si. E nesse caso, ocorre a **linguagem denotativa**. A palavra pimenta, na fala da Emília, no texto de Monteiro Lobato, está no sentido literal. É a fruta. O mesmo ocorre na frase *o gato está dormindo perto do fogão*, a palavra gato também está sendo usada denotativamente. Mas as palavras, no seu uso cotidiano, podem ganhar outros significados além do literal, conseguindo insinuar outros sentidos. É o que chamamos de **linguagem conotativa**. “Pimenta” e “gato” ganham sentidos conotativos em frases como “Meu irmão é um **pimenta**” ou quando Carla confessa para as suas amigas que acha o Marquinhos um **gato**.

Estes dois conceitos são muito fáceis de entender se lembrarmos que duas partes distintas, mas interdependentes, constituem o signo linguístico: **o significante** ou *plano da expressão* - uma parte perceptível, constituída de sons - e **o significado** ou *plano do conteúdo* - a parte inteligível, o conceito. Por isto, numa palavra que ouvimos, percebemos um conjunto de sons (o significante), que nos faz lembrar de um conceito (o significado).

Enquanto a *denotação* é o resultado da união existente entre o significante e o significado, ou entre o plano da expressão e o plano do conteúdo. A *conotação* resulta do acréscimo de outros significados paralelos ao significado de base da palavra, isto é, um outro plano de conteúdo pode ser combinado ao plano da expressão. Este outro plano de conteúdo reveste-se de impressões, valores afetivos e sociais, negativos ou positivos, reações psíquicas que um signo evoca.

Podemos afirmar que a linguagem humana – diferentemente da comunicação animal – envolve uma operação mental, pois retém os significados das palavras. O ser humano utiliza sua criatividade para atribuir a uma mesma palavra novos significados por meio de associações de ideias. Por isso, o sentido conotativo pode ser diferente de uma cultura para outra, de uma classe social para outra, de uma época a outra. Por exemplo, as palavras *senhora*, *esposa*, *mulher* denotam praticamente a mesma coisa, mas têm conteúdos conotativos diversos, principalmente se pensarmos no prestígio que cada uma delas evoca. Por isso, para compreendermos uma palavra, devemos prestar atenção ao contexto sociocultural e textual onde ela aparece.

Desta maneira, podemos dizer que os sentidos das palavras compreendem duas ordens: **referencial ou denotativa e afetiva ou conotativa**.

A palavra tem **valor referencial** ou **denotativo** quando é tomada no seu sentido usual ou literal, isto é, naquele que lhe atribuem os dicionários; seu sentido é objetivo, explícito, constante. Ela designa ou denota determinado objeto, referindo-se à realidade palpável.

Denotação é a significação objetiva da palavra; é a palavra em "estado de dicionário"

Além do sentido referencial, literal, cada palavra remete a inúmeros outros sentidos, virtuais, **conotativos**, que são apenas sugeridos, evocando outras ideias associadas, de ordem abstrata, subjetiva.

Conotação é a significação subjetiva da palavra; ocorre quando a palavra evoca outras realidades por associações que ela provoca.

A respeito de **conotação**, Othon M. Garcia (1973) observa: "Conotação implica, portanto, em relação à coisa designada, um estado de espírito, uma opinião, um juízo, um sentimento, que variam conforme a experiência, o temperamento, a sensibilidade, a cultura e os hábitos do falante ou ouvinte, do autor ou leitor. Conotação é, assim, uma espécie de emanção semântica, possível graças à faculdade que nos permite relacionar coisas análogas ou semelhantes. Esse é, em essência, o traço característico do **processo metafórico**, pois metaforização é conotação".

Veja um exemplo:

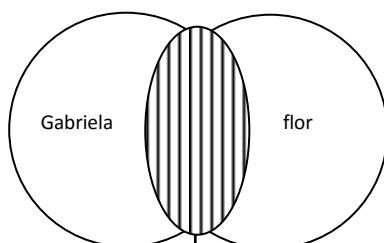
Contexto 1	Perdi a chave da minha mala	Instrumento de metal	DENOTAÇÃO
Contexto 2	Esta é a chave do sucesso	Segredo, solução	CONOTAÇÃO
Contexto 3	Ele encerrou o poema com a chave de ouro	Fecho, término	CONOTAÇÃO

Vamos analisar mais algumas construções:

A – Aquela flor enfeita a mesa da sala

B – Gabriela é a flor que enfeita a minha vida

No exemplo A, a palavra flor indica – como nos dicionários – órgão reprodutor de uma planta. Já no exemplo B, o termo flor foi ampliado por uma série de associações às ideias de beleza, encanto, delicadeza. Esse fenômeno pode ser esquematizado da seguinte forma:

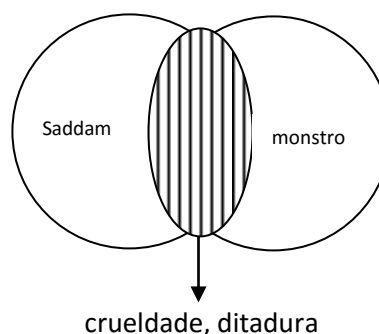
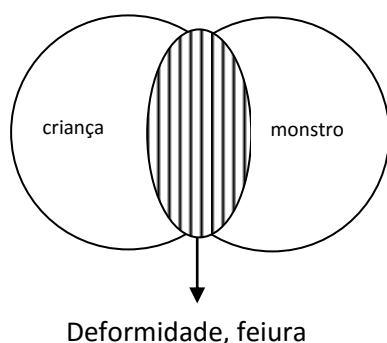


Beleza, delicadeza, perfume

Mais três casos:

- 1 – Hércules, filho de Zeus, lutou contra um monstro de nove cabeças.
- 2 – As abelhas atacaram a criança. Ela ficou um monstro.
- 3 – Saddam Hussein, ex-presidente do Iraque, foi um monstro.

No primeiro caso, a palavra monstro apresenta seu sentido original, impessoal, independente do contexto, conforme está registrado no dicionário. Esse seria o sentido **denotativo** ou **significado literal**. Já no exemplo 2, a palavra monstro foi relacionado a feiura, deformidade; e no exemplo 3, foi relacionado a perversidade, crueldade, destruição; prevaleceu então o sentido **conotativo** ou **significado contextual**.



ATENÇÃO ! Quando se empregam palavras ou expressões comparativas (como, igual a, semelhante a, parecido com, tal qual etc.) quebra-se a conotação, pois, nesses casos, a metáfora deixa de existir, havendo tão somente uma comparação. Ex: Gabriela é bonita **como** uma flor. A criança após ser picada pelas abelhas, ficou parecida como um monstro. Saddam Hussein foi tal qual um monstro para o povo iraquiano.

Mas observe o caso abaixo. Veja como o Dicionário Aurélio registra a palavra **manga**. Nesse caso a palavra mantém vários sentidos e registrados no dicionário. Ela é denotativa em todos os casos apesar de ter significados diferentes.

- Manga (Do lat. Manica ‘manga de túnica’) S.f. 1. Parte do vestuário onde se enfia o braço. 2. Filtro afunilado para líquidos.
- Manga (Do lat. Manica < manus, ‘exército, hoste’) S.f. 1. Hoste de tropas. 2. Grupo, ajuntamento, bando, turma.
- Manga (Do mal, manga). S.f. 1. Fruto da mangueira. 2. Mangueira
- Manga (Do esp plat. Manga) S.f. 1. Bras. AM – parede de cerca que vai da beira até as asas dos currais-de-peixe, erpendicularmente ao rio. 2. Bras. AM – espécie de corredor com paredes de varas, que conduz a um rio ou um igarapé e serve para guiar os bois que vão ser embarcados. 3. Bras. CE a BA e MG a GO – pastagem cercada onde se guarda o gado.

Podemos criar várias frases em, que a palavra “manga” assume vários significados denotativos.

- a) A manga do seu vestido está rasgada. (denotação)
- b) Esta mangueira dá excelentes mangas (denotação)
- c) Preparemo-nos para atacar pelos flancos a manga inimiga. (denotação)

	Data:	TURMA:
	Aluno:	RA

EXERCÍCIOS

1. Diga se as palavras destacadas nas orações abaixo estão no sentido denotativo ou conotativo. Caso estejam no sentido conotativo, explique-as por meio do esquema de intersecção semântica.

- Depois que a esposa faleceu, o velho professor tornou-se uma **ilha**
- Os alunos daquela sala são verdadeiras **lesmas**
- O pavão é um **arco-íris** de plumas.
- A vida daquele homem é um verdadeiro **inferno**
- Carlos é alto como uma **girafa**
- Meu cunhado foi um **Judas** em minha vida
- Esta laranja é um **mel**
- O Senhor é meu **pastor**, nada me faltará
- Aquele homem trabalha como uma **máquina**

2. Analise os seguintes textos publicitários:

- “O sonho de toda sobremesa é casar de branco” (anúncio de creme de chantilly)
- “Política é mesmo uma experiência enriquecedora” (capa de revista)
- “Se você foi reprovada em química, aqui está a recuperação.” (marca de xampu)
- “Descobrimos uns zeros à esquerda no governo: os 007” (manchete de notícia)

3. Proposta de Redação

Muitas vezes, certas palavras ou expressões se equivalem no plano denotativo, pois remetem praticamente ao mesmo significado. Por isso mesmo são chamadas de palavras sinônimas. No plano conotativo, no entanto, nem sempre os sinônimos se equivalem: um deles pode vir carregado de uma conotação positiva e outro, de conotação negativa. Esse dado impede que se empregue um sinônimo em lugar de outro sem inconveniência. *Desocupado*, por exemplo, é mais pejorativo que *desempregado*. A propósito, leia o texto que se segue e observe o protesto contra o uso da palavra *asilo* sob a alegação de ser uma palavra de conotação pejorativa.

“A LSC-SP, entidade assistencial de fins filantrópicos, vem solicitar retificação na legenda da fotografia que acompanhou a reportagem sobre o idoso, publicada no dia 25/09, onde o Lar de Sant'Ana foi apresentado como 'asilo', o que não é verdade. Agradecemos a reportagem, que não deixa de ser mais uma divulgação sobre nossos serviços, mas pedimos sua compreensão e retificação pois estamos tendo diversas reclamações; e quer queiramos ou não, em nossa sociedade e cultura, a palavra 'asilo' infelizmente ainda tem uma conotação pejorativa.”

(Folha de São Paulo, 6 out. 1998. Painel do Leitor)

Com base no que você acabou de ler e levando em conta que existem palavras de conotação mais ou menos ofensiva (chorão x sentimental; tagarela x loquaz; medroso x cauteloso), narre uma história em que o uso de uma palavra de conotação insultosa tenha dado origem a desentendimentos ou provocado constrangimento.

EXERCÍCIO DE VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS

Texto 1

O poeta da roça

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabaio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de paia de mio.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argum menestré, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei.
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastero, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça,
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.

Só canto o buliço da vida apertada,
Da lida pesada, das roça e dos eito.

E às vez, recordando a feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Eu canto o caboco com suas caçada,
Nas noite assombrada que tudo apavora,
Por dentro da mata, com tanta corage
Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaquero vestido de coro,
Brigando com o toro no mato fechado,
Que pega na ponta do brabo novio,
Ganhando lugio do dono do gado.

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,
Coberto de trapo e mochila na mão,
Que chora pedindo o socorro dos home,
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre lüzente,
Eu vivo contente e feliz com a sorte,
Morando no campo, sem vê a cidade,
Cantando as verdade das coisa do Norte.

*ASSARÉ, Patativa do. Cante lá que eu canto cá. 5. ed.
Petrópolis: Vozes, 1984.*

Texto 2

CAPÍTULO III

Da Educação, da Cultura e do Desporto Seção I Da Educação

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I. igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II. liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
- III. pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- IV. gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- V. valorização dos profissionais do ensino, garantindo, na forma da lei, planos de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, assegurado regime jurídico único para todas as instituições mantidas pela União;
- VI. gestão democrática do ensino público, na forma da lei;
- VII. Garantia de padrão de qualidade.

Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988.

Texto 3

Poliacrilatos e polimetacrilatos

A história de laboratório dos monômeros acrílicos começou em 1843, quando da primeira síntese do ácido acrílico. A isto seguiu-se em 1865 a preparação do etil-metacrilato, por Frankland e Duppa, enquanto que em 1877 Fittig e Paul notavam que ele possuía uma certa tendência para polimerizar. Por volta de 1900, a maioria dos acrilatos mais comuns havia sido preparada em laboratório e ao mesmo tempo já existiam alguns trabalhos sobre a sua polimerização. Em 1901, o Dr. Rohm, na Alemanha, começou um estudo sistemático no campo dos acrílicos e mais tarde tomou parte ativa no desenvolvimento industrial dos polímeros do éster acrílico naquele país. O polimetilacrilato foi o primeiro polímero acrílico produzido industrialmente (por Rohm e Haas, em 1927). Foi vendido como uma solução do polímero em solvente orgânico e foi usado principalmente em laças e formulações para revestimentos superficiais. Mais tarde, Rowland Hill (da I.C.I.) estudou o metilmetacrilato e sua polimerização em profundidade, enquanto que Crawford (também da I.C.I.) desenvolveu um método econômico para a fabricação do monômero.

BRISTON, J. H. & MILES, D. C. Tecnologia dos polímeros. São Paulo: Polígono/Edusp, 1975.

QUESTÕES

1. A forma de língua portuguesa apresentada no texto 1 nos remete a que tipo de realidade? Comente.
2. O texto 1 é uma poética, ou seja, é um texto que expõe as propostas criativas de um poeta. Na sua opinião, a forma de língua pela qual o artista optou e a temática de sua poesia se harmonizam? Por quê?
3. Observe, ainda no texto 1, as formas fio, mio, paioça (correspondentes, na língua-padrão, a filho, milho e palhoça, respectivamente) ou os plurais "das mata", "das brenha", "das roça e dos eito", "dos home" e outros. As diferenças entre essas formas e aquelas da língua-padrão são sistemáticas, ou seja, seguem determinados padrões. Observe e comente.
4. A que grupo social pertencem as pessoas que utilizaram a forma de língua portuguesa do texto 2? Por que usaram essa forma de língua?
5. Que tipo de conhecimento é necessário para a perfeita compreensão do texto 3? Que forma de língua é aí apresentada?
6. Que fatores estão na origem destas três variantes da língua portuguesa?